A UNIDADE ARTIFICIAL NA MENTALIDADE ESCÂNDALO[1]

THE ARTIFICIAL UNITY IN THE SCANDAL MENTALITY

Clara Câmara[2]
Marco Antônio Roxo da Silva[3]

Resumo: *Neste artigo, buscamos refletir sobre algumas das estratégias narrativas que estruturam a ideia de escândalo político. Para isso, propomos conceber os escândalos políticos, no jornalismo, como uma mentalidade. É essa mentalidade que resguarda estratégias narrativas que auxiliam na compreensão desses acontecimentos, que são concebidos como escândalos. Aqui, focamos em apresentar três dessas estratégias, contidas no que chamamos de "unidade artificial", e que oferecem ao leitor uma ideia de que há uma grande narrativa de escândalo, uniforme e infindável. Unindo pressupostos da Análise crítica de narrativa e do paradigma indiciário, focamos nossas reflexões na listagem de escândalos dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), feita pelo jornal O Globo.*

Palavras-Chave: *Escândalos políticos. Mentalidade. Unidade artificial.*

Abstract: *In this article, we seek to understand what narrative negotiations exist that turn the idea of political scandal artificially possible. To articulate this argument, we propose to conceive political scandals in journalism as a mentality. It is this mentality that make possible narrative strategies that help in understanding these events, which are conceived as scandals. Here, we focus on presenting three of these strategies, contained in what we call "artificial unity," and which offer the reader an idea that there is a great narrative of scandal, uniform and endless. Uniting assumptions of the Critical analysis of narrative and the indiciary paradigm, we focus our reflections on the list of scandals occurred during the Workers' Party (PT) government, made by the newspaper O Globo.*

Keywords: *Political scandals. Mentality. Artificial unity.*

1. Introdução

Em uma aparição na TV Tupi, em 1953, Carlos Lacerda afirmou que "quando o escândalo é necessário para dizer a verdade, tem que usá-lo" (CARLOS LACERDA NA...1953, p1). Isso nos faz pensar que há diferentes maneiras de explicitar a "verdade" e o escândalo é apenas uma delas.

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020.
[2] Doutora em Comunicação (PPGCOM/UFF).
[3] Doutor em Comunicação (PPGCOM/UFF).

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

Diante da pertinência desse pensamento, a ideia de que o escândalo nasce de uma ruptura da ordem precisa ser repensada; porque nem sempre há uma ruptura de fato, ou mesmo, porque essa ruptura é apenas uma concepção diante de várias outras. Normalidade e ruptura não são noções pré-determinadas, elas também se constroem e são reformuladas com o passar dos tempos e, no caso dos escândalos políticos no jornalismo, são sempre articuladas nas narrativas quando é necessário que um evento seja visto como escandaloso.

Pensando nisso, propomos um rearranjo na maneira de observar os escândalos políticos nas narrativas jornalísticas. A sugestão é que eles sejam concebidos como uma mentalidade; uma maneira de julgar determinados eventos e que, como tal, é instaurada por algumas estratégias narrativas. O foco, então, sairia dos conteúdos dos escândalos e se estabeleceria também na importância das formas narrativas (SCHUDSON, 1982), de estruturas prévias que guiam a nossa percepção.

Nesse contexto de entendimento, exploramos uma das estratégias narrativas contidas na mentalidade escândalo, a "unidade artificial", cujo intento é proporcionar uma ideia de coesão entre diferentes narrativas. Nela, os elementos tempo, personagens e ação desempenham seus papeis de estruturadores de uma narrativa una. Eles ajudam a organizar a ideia de que houve uma transgressão fora do comum que precisa ser exposta, além de proporcionar uma estabilidade maior para o seguinte sentido: este é um malfeito diferente de todos os outros e precisa ser esmiuçado.

Estruturalmente, primeiro apresentamos a via de análise dos escândalos a partir da ideia de mentalidade. Na sequência, tratamos de como essa mentalidade é legitimada também pelo lugar de fala que o jornalismo proclama ocupar, de guardião da democracia. Por fim, buscamos ilustrar essa discussão com a estratégia acima citada, de "unidade artificial". Trazemos indícios dessa via de compreensão, partindo de elementos presentes nas narrativas sobre os escândalos ocorridos ao longo dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2003 e 2016, e listados no jornal O Globo.

As observações e considerações aqui feitas se basearam nos termos da Análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013). O material também foi visto à luz do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), na medida em que este auxiliou a complexa tarefa de tentar evidenciar elementos que têm sido deixados de lado nas análises sobre jornalismo. Detalhamentos sobre a análise realizada, preliminar e de caráter ilustrativo, serão apresentados na abertura da terceira seção.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

2. Mentalidade escândalo: visão geral[4] para uma nova abordagem

"Um fato científico é um sinal de resistência que se opõe ao pensamento livre e arbitrário", diz Fleck (2010), ao discutir as transformações na concepção e abordagem ao problema da sífilis. No início de seu texto, o autor argumenta que muito da vida cotidiana é tratado como garantido, não sendo levado em consideração para investigações científicas. Assim, ele trata também, em certa medida, de escândalos na comunidade científica, pois lida diretamente com as rupturas morais que a doença suscita e quais ferramentas – sociais, culturais e até econômicas – passam a acionar, com o passar dos tempos.

Essa parece uma discussão distante da que estamos fazendo aqui, mas as provocações do autor se tornam imprescindíveis quando olhamos para a cobertura jornalística de escândalos políticos. Isso porque é assim que as coberturas dos escândalos políticos têm sido tratadas, principalmente em relação à associação com a manutenção democrática. Foi definido como fato que a cobertura de escândalos políticos deveria desempenhar um papel fundamental na manutenção da democracia. Esse fato, constituído com auxílio das próprias narrativas jornalísticas, e reiterado academicamente, nada mais é do que a grande provocação de Fleck: tem uma gênesis e um desenvolvimento. E, assim sendo, é tão passível de conteste quanto qualquer outra opinião, ou pensamento livre e arbitrário que se proponha a questioná-lo.

Escândalo é espetáculo político. Teatralização. Escândalo é prestação de contas. Escândalo é visibilidade enviesada. Escândalo é entretenimento. Escândalo é experiência estética. Escândalo é legitimação jornalística. Retirados todos esses predicados, o que resta? Esvaziados os sentidos do escândalo, comumente reivindicados, que pontos comuns podem ser estabelecidos?

Torna-se imprescindível, então, retirar-lhes os sentidos, tanto quanto nossa própria limitação seja capaz. E, a partir daí, compreender quais são as sustentações narrativas que potencializam a reincidência de escândalos políticos no jornalismo, colocando-os como a base da experiência política que é narrada e como estratégia de sucessivas ressignificações do próprio exercício jornalístico – cuja relação com a democracia se torna vital para manutenção de seu poder simbólico (BORDIEU, 1989) e capital político (THOMPSON, 2002).

[4] As discussões apresentadas aqui fazem parte das análises apresentadas na tese de um dos autores (Cf. CÂMARA, 2019).

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Em outras palavras, não há nada nessas narrativas escandalosas, nos jornais, que as diferencie das narrativas sobre políticas que não são enquadradas como escândalos. Ao ver o escândalo já sendo um escândalo, a sensação que se tem é que as características que o constituem são exteriores. E, de já tão pré-determinadas, parecem que são naturais. E isso se reflete nas análises dessas narrativas.

Thompson (2002) identifica quais são as fases do escândalo, já dentro da concepção de escândalo tomada como pré-existente. Silva (2013) discute a formação do escândalo do Mensalão em acontecimento já dentro do que se espera ser um escândalo. Prior (2015) propõe enxergar o escândalo como uma experiência estética, mas o faz a partir do evento já consolidado. Motta e Guazina (2010) identificam o conflito como pré-categoria estruturante no jornalismo político e ilustram isso a partir do caso do Mensalão, mas o enquadramento bipolar é dado como naturalizado. Mesmo sendo uma categoria anterior à estrutura do jornalismo político, como colocam os autores, ela aparece como estruturante tão natural quanto qualquer outro elemento que figura, hoje, nas narrativas jornalísticas.

É o que fica evidente quando tentamos pensar o escândalo sem atribuir seus sentidos recorrentes no jornalismo. Enviesamento, espetáculo, conflito. Sem nada disso, o escândalo é apenas uma narrativa vazia, esperando para ser carregada de sentidos. São sucessivas incursões a lugares já conhecidos. Um político paga por apoio eleitoral. Outro usa sua influência para conseguir maioria em uma votação na Câmara dos Deputados. O sentido escandaloso dessas narrativas está na maneira como as observamos.

Isto nos leva a discutir dois aspectos relacionados a este quadro teórico. O primeiro é que, muito embora tenha capacidade de interferir nas preferências eleitorais e na dinâmica do poder político, o escândalo não é visto dentro de uma perspectiva ideológica. Afinal, a maior parte dos escândalos decorre das relações dos jornalistas com membros do *staff* político, que são fontes de valor noticioso. Os jornalistas, por sua vez, entendem a estrutura de poder político e econômico da sociedade, a economia de mercado, a correlação entre os três poderes, o sistema eleitoral, enfim, a democracia liberal, como algo natural e não como a decorrência de um processo histórico (SOLOSKI, 1993).

E é daí que deriva o segundo aspecto que buscamos contemplar: a cultura profissional. Os jornalistas podem divergir entre si sobre a seleção fontes e sobre o que é ou não notícia (*news judgement*). No entanto, essas divergências ocorrem dentro de uma estrutura de

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

referência[5] ofertada pelas normas predominantes do profissionalismo jornalístico. Portanto, elas são debatidas levando-se em consideração o que é normal e natural na sociedade, pois as noções de noticiabilidade tendem a se concentrar no desvio, no estranho e no insólito. Por isso, as narrativas jornalísticas contêm uma moral oculta que visa manter e defender implicitamente os valores normas e valores sociais dominantes (SOLOSKI, 1993).

Logo, o escândalo decorre da correlação dessa estrutura de referência simbólica fornecida pelo profissionalismo jornalístico com normas e valores sociais. Essa base fundamenta uma faculdade anterior para julgar determinadas narrativas jornalísticas como escândalo. Aqui, propomos encará-las com uma determinada mentalidade.

Recorrendo às definições mais elementares de mentalidade, tem-se que esta pode ser definida como "um conjunto de manifestações de ordem mental (crenças, maneira de pensar, disposições psíquicas e morais), que caracterizam uma coletividade, uma classe de pessoas ou um indivíduo" (MICHAELIS, online). Partiremos desse indício do senso comum para lapidar a noção que trabalhamos.

Há um ponto dessa definição que nos interessa especialmente: aproximar a ideia de mentalidade com a de uma junção de crenças. Perante esse desafio, buscamos por uma abordagem que contemple essa preocupação, que assimile uma tentativa de mapear sensibilidades que atravessam tempos: assim como são os julgamentos que acreditamos existir no jornalismo, em um conjunto prévio de noções que estabelecem leituras específicas a respeito de determinados eventos.

Pensar o escândalo como uma mentalidade, no jornalismo, diz respeito a levar isso em consideração. Como mentalidade, o escândalo passa a ser uma maneira de julgar os acontecimentos, de acordo com os requisitos estabelecidos para se traduzir um malfeito em algo maior. No jornalismo, compreendemos que essa mentalidade está relacionada com o próprio *ethos* profissional (RIBEIRO, 2003; ZELIZER, 1990), com a maneira como são estabelecidos os códigos de abordagem aos fatos.

[5] Vale pontuar que aqui também há uma conexão com as representações coletivas derivadas dos estudos de Durkheim. A ideia de que há uma consciência coletiva, formada de fatos sociais, coisificados, pois externos e coercitivos às consciências individuais, modulando esta concepção. Isso significa que os valores oriundos da cultura do jornalismo podem ser traduzidos em rituais nos quais as formas de escrever o texto jornalístico têm que ser compartilhadas e aceitas pelos pares. Daí a importância dos "prêmios de reportagem" como fundamento da solidariedade horizontal entre os jornalistas, por exemplo.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

É preciso lembrar, nesse ponto, que as Ciências Sociais, em especial a Sociologia e a Antropologia, têm buscado compreender como os conjuntos de regras, crenças e valores são compartilhados em ambientes profissionais. Assim, em busca de estruturar o conceito de mentalidade, relacionamos duas ideias: 1) a Collective Mindset Analysis, da Sociologia; 2) o entendimento de "momentos chave", proposto por Barbie Zelizer.

Essa troca interdisciplinar surge da busca por um entendimento do que seria essa capacidade de julgar determinados eventos sob uma ótica específica. Levamos em consideração, inicialmente, que haveria uma especificidade das narrativas de escândalo. Mas não uma especificidade capaz de prover um entendimento prévio dessas narrativas, que pudesse destacá-las antes mesmo que fossem expostas. Esse tipo de especificidade não parece ser possível no caso dos escândalos políticos.

Por isso, buscamos por uma especificidade que pudesse nos ajudar a pensar os escândalos políticos no jornalismo, partindo especialmente do que essas narrativas têm a dizer sobre o próprio jornalismo como instituição, como produtor de conhecimento e como ator político.

2.1 O lugar de fala autoproclamado do jornalismo e a "mentalidade escândalo"

Destrinchando os conceitos que acionamos para tratar da mentalidade escândalo, foquemos, inicialmente, na Collective Mindset Analysis (CMA). No contexto da sociologia, Pohlmann (2013; 2014) se volta para as dinâmicas estabelecidas nas grandes corporações: os antecedentes culturais que atravessam essas dinâmicas e os "estoques de conhecimento" que resultam dessas interações. Sobre esse termo, recai a compreensão de que há um conteúdo objetivo e subjetivo que é compartilhado entre as pessoas, no âmbito dessas instituições. Esse conteúdo passa por ensinamentos diretos, verbais, e por aprendizados que são assimilados por vias indiretas, apreendidos a partir de ações, partilhados pela experiência individual e coletiva, advindos da observação, da prática posta em movimento.

É a fim de elucidar como o "estoque de conhecimento" é traduzido em orientações que guiam ações que Pohlmann (2014) sugere a CMA. Esse é um método qualitativo de análise, originado na Alemanha[6], e cuja noção basilar de "mentalidade coletiva" é de influência

[6] Esse método foi desenvolvido por Ulrich Oevermann, que estava preocupado em propor um método de análise de estruturas, para pesquisas empíricas na área de Sociologia, na década de 1980.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

weberiana, com destaque para as considerações feitas por Weber a respeito do papel das ideias na história e como elas levam a mudanças sociais, também incluindo mudanças em instituições (POHLMANN, 2014).

Essa "mentalidade coletiva", por sua vez, "nos diz sobre a construção espiritual e o estoque de conhecimento em uma dada sociedade, cultura ou economia" (POHLMANN et al, 2014). Esclarecendo este caminho, o autor pontua que:

> Deve-se ter em mente que "mindsets coletivos" não são atitudes, opiniões ou ideologias de atores individuais. No contexto de discursos e textos, encontraremos opiniões e atitudes. Elas são padrões interpretativos que mudam rapidamente, relacionados com um amplo espectro de tópicos e enraizados na máscara psicológica da personalidade individual. [...] Em contraste, "mindsets coletivos" são as formas coletivas do nosso conhecimento acumulado. Eles mudam de acordo com a nossa cultura e, como parte do "inventário de conhecimento coletivo", eles não podem mudar individualmente. Eles não estão enraizados no psicológico dos atores, mas na história dos grupos sociais, culturas ou sociedades. Eles não são conversas, mas a gramática do conhecimento sobre como solucionar problemas sociais em dada sociedade (POHLMANN, 2014).

No nosso contexto de análise, seria o mesmo que diferenciar entre uma opinião, estilo ou atitude de um determinado jornalista, escrevendo sobre escândalos, e toda uma cultura profissional que acompanha este jornalista específico e todos os seus colegas. É sobre essa cultura que nos debruçamos – que se constitui ao longo dos anos e está inserida na nossa sociedade, expondo a maneira como os jornalistas se veem dentro da profissão e como enxergam a instituição da qual fazem parte.

Retomando a ideia exposta por Pohlmann (2014), propomos que, para se pensar nos relatos de escândalos como uma mentalidade, no jornalismo, é preciso que essas narrativas sejam tomadas como pertencentes a uma cultura profissional, adaptada de um modo particular no país, e desenvolvida de maneira a enxergar que algumas sequências de eventos podem – e precisam – ser destacadas para que uma determinada opinião sobressaia delas. Uma opinião, um olhar que os identifica como escândalos políticos, e não como meras transgressões.

O compartilhamento desses "estoques de conhecimento" é o ponto central. Afinal, para que a mentalidade que julga o escândalo seja estabelecida, é preciso que esses estoques sejam repassados, dentro do quadro de atividade dos jornalistas. De nada adiantaria que apenas um pequeno grupo assumisse o julgamento dessa sequência de eventos; há de se reconhecer sua existência, repassá-la e fazer com que seja percebida como tal por todos os outros, dentro e fora do círculo jornalístico.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

De acordo com Zelizer (1990), ao veicular suas narrativas a respeito de determinados eventos, os jornalistas criam repertórios de eventos anteriores que passam a ser usados como parâmetros para os eventos atuais. A autora discute a legitimação de jornalistas através de (suas) narrativas, afirmando que "os jornalistas posicionam a si mesmos em suas estórias ao construir, documentar e perpetuar sua autoridade de recontar eventos" (ZELIZER, 1990, p.366).

A mentalidade escândalo depende muito dessa cultura profissional compartilhada pelos jornalistas, na medida em que é fundada sob uma gama de conhecimentos e sentidos específicos, que vão sendo reunidos na medida em que os jornalistas precisam falar sobre os acontecimentos que reconhecem como escândalos. Ela surge, então, da necessidade de se falar sobre o escândalo e de imputar a essa série de eventos uma condição diferenciada; mais dramática, com um peso político maior e, também, com uma narrativa jornalística que empodera o próprio jornalismo. É nesse sentido que a mentalidade escândalo e a legitimidade jornalística se retroalimentam; um se fortalece na presença do outro.

Da maneira como enxergamos, no Brasil, o fortalecimento dessa legitimidade parece estar associado a um processo de mudanças na maneira como o jornalismo passou a ser feito e percebido – por aqueles que o faziam e, aos poucos, pelos que o consumiam. Esse processo é comumente referido como a "modernização"[7] do jornalismo brasileiro e tem seu aporte temporal indicado para meados da década de 1950.

Nas palavras de Ribeiro (2007, p.13), foi durante a década de 1950 que:

> [...] o modelo norte-americano se implantou definitivamente no jornalismo nacional, provocando não só a modernização das empresas e dos textos, mas também a profissionalização dos jornalistas e a constituição de todo um ideário sobre o que era o jornalismo e qual era a sua função social.

A década de 1950, então, é reconhecida como marco dessas mudanças justamente por ter sido o período em que elas puderam ser vistas de forma una, e com mais força, com mais autorreconhecimento por parte daqueles que estavam no centro de tudo isso: os jornalistas. E, reforçamos, essa mudança também se refletiu na maneira como os jornalistas viam seu trabalho. Os ideais jornalísticos de busca da verdade, cumprimento de um papel

[7] Reconhecemos que este termo revive uma ideia de evolução que é falsa e inadequada. Comumente, os autores que discutem esse período também fazem essa ressalva, por entenderem que é um termo problemático.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

social, guardião da democracia surgem à luz dessas alterações.

É igualmente relevante destacar que essas alterações não foram implementadas de forma horizontal pelos jornalistas. Eles a ressignificaram, mas as suas normatizações eram verticalizadas, vinham como ordens de uma elite econômica e política à frente dos jornais e que, antes de serem repassadas entre os jornalistas, foram impostas como um pré-requisito básico para se continuar a ser jornalista.

Nesse contexto, gradualmente, um jornalismo baseado na lógica empresarial foi ganhando cada vez mais espaço. O resultado disso foi uma imprensa menos voltada para a promoção de polêmicas e declaradas desavenças políticas, passando para um "jornalismo que privilegiava a informação (transmitida "objetiva" e "imparcialmente" na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião" (RIBEIRO, 2003, p.148).

Pode-se afirmar também que essas mudanças contribuíram para a percepção do compromisso político que o jornalismo brasileiro passaria a perseguir. O compromisso político jornalístico diz respeito ao papel que o jornalismo deseja desempenhar na sociedade, usando seu exercício como um serviço prestado em prol da manutenção da democracia, ou sendo o fiscal dos poderes políticos, desempenhando o papel de cão de guarda (AZEVEDO, 2010), ou ainda, como representante de um poder único, capaz de arbitrar as disputas políticas e, em última instância, instrumentalizar a política, como no caso do jornalismo como poder moderador (ALBUQUERQUE, 2000).

Não se trata, no entanto, de dizer que o escândalo começou a partir da modernização, mas que ele desempenha um papel importante na modelagem do que viria a ser o "moderno" jornalismo brasileiro – com pretensões, intencionais ou não, de se equiparar à realidade estadunidense, e que se adaptou de maneira peculiar aqui.

Um comentário interessante sobre isso é que, à época da "modernização", o uso do adjetivo "moderno", para descrever o exercício jornalístico ressignificado em especial, passou a ser um dos grandes definidores dessa tentativa de "novo" modelo. Mas, como lembra Jácome (2017, p.10), referências similares permeavam a imprensa já no século XIX, sempre fazendo supor que havia um momento jornalístico anterior, "não moderno", ou cujo exercício não estava alinhado com a atualidade.

Nesse sentido, o contexto da década de 1950 parece ter sido, também, um recurso narrativo de autopromoção de uma guinada do exercício jornalístico. Certamente, houve

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php
Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

mudanças na maneira como os jornais passaram a estruturar as notícias, no modo como os jornalistas – e os jornais – se profissionalizaram, e, consequentemente, como passaram a ver a si próprios e a profissão que exerciam. Mas houve também a implementação de uma agenda que buscava fortalecer todas essas mudanças como estratégias fundamentais para tornar o jornalismo alinhado com os ideais de um "mundo moderno".

O padrão ideal "objetivo", que deriva dessa visão de mundo, foi um esforço para sinalizar que o jornalismo deveria servir, acima de tudo, a uma causa considerada nobre e acompanhá-la de tal modo que, seu exercício estaria conectado ao pleno exercício dessa causa. A defesa democrática coroa esta possibilidade. Afinal, o ideal jornalístico "moderno" se associa, contextualmente, com o desenvolvimento e consolidação das democracias liberais (MCNAIR, 2009). E é justamente nessa perspectiva de entendimento que o jornalismo se coloca como uma peça fundamental para a manutenção democrática, principalmente quando evoca e vê ser evocado o discurso da liberdade de imprensa para o pleno funcionamento da democracia – e utiliza os escândalos políticos como um de seus principais trunfos.

3. Unidade artificial: estratégias de uniformização de diferentes narrativas escandalosas

Diante da pertinência de se observar as narrativas de escândalos a partir da ideia de mentalidade que, como vimos, está intimamente atrelada ao contexto profissional jornalístico, identificamos algumas estratégias narrativas que são responsáveis por sustentar essa mentalidade. Focaremos, aqui, em uma delas, a unidade artificial.

Essa unidade artificial diz respeito a narrativas que acompanham grandes explicitações de malfeitos, como foi o caso do Mensalão[8] e da Lava-Jato[9], e criam uma falsa unidade, como se todas as narrativas pertencessem a um único escândalo; ou então, retomam um escândalo anterior e atualizam sua condição. Essa unidade artificial, gerada por essas estratégias,

[8] Em 2005, o esquema de compra de votos comandado pelo governo do PT foi revelado e colocou Lula contra a parede. Deputados eram pagos com dinheiro público, desviado com a ajuda do ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares e do operador Marcos Valério. O esquema, revelado por Roberto Jefferson, era chefiado, segundo ministros do STF, por José Dirceu. (Neste trabalho, analisamos as narrativas consideradas escândalos de acordo com as definições do próprio jornal O Globo).

[9] O juiz Sérgio Moro, a Polícia Federal e o Ministério Público Federal conduziram as investigações do maior escândalo de corrupção do país, com foco inicial no desvio de recursos da Petrobrás. Cerca de R$2,9 bilhões já foram recuperados. Delatores disseram que parte da propina do esquema ia para o PT.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

reverbera na mentalidade escândalo como um todo. Em outras palavras, ela é capaz de reforçar a permanente sensação de que um dado escândalo está durando muito, ou que toda a engrenagem pública está permeada por malfeitos. Ao jornalismo, está reservado o direito de narrar todos esses problemas, fortalecendo seu lugar de fala.

Para apresentar as considerações a seguir, fez-se uma observação dos escândalos que O Globo destacou como sendo os 13 principais dos governos do PT. Esses escândalos foram colocados em uma galeria de fotos no site do jornal, em 2016, quando Dilma Rousseff enfrentava o processo de *impeachment*. Além disso, usamos outra listagem feita pelo jornal e veiculada em seu site, ao final de todo o processo e, posteriormente, atualizada[10].

Unindo essas duas listas, traçamos uma linha do tempo (ver Figura 1), para visualizar a distribuição dos escândalos entre 2003 e 2016. Essa linha também facilita a compreensão de uma tentativa de ordenamento desses episódios, que muitas vezes aconteceram em sobreposição a uma outra situação classificada como escândalo, e também a outras que não entraram nessa categoria, mas que, ainda assim, tomaram a atenção do jornal nesses anos.

Ancoramos nossas considerações no O Globo por três razões principais: 1) pela penetração que usufrui no mercado jornalístico brasileiro, ocupando, nos últimos 20 anos, o ranking de cinco periódicos mais vendidos; 2) pela posição que esse veículo se autoimpõe, como representante do jornalismo de referência brasileiro; 3) pelo levantamento que ele realizou, à época do *impeachment* de Dilma Rousseff, com os escândalos que marcaram os governos do PT.

Nesse sentido, esclarecemos ainda que nossa pretensão foi de trabalhar com o que é caracterizado escândalo pela própria imprensa, ou seja, pelo que o próprio jornal classifica como tal. Buscamos, assim, fazer o movimento inverso: ao invés de estabelecer uma noção de escândalo – midiático – e tentar enquadrar as situações nesse caminho pré-concebido, utilizamos os enquadramentos já providos pela imprensa e, a partir deles, problematizamos o conceito de escândalo midiático.

Em termos de aproximação com o material, a observação inicial desses recortes foi feita com base no conteúdo apresentado nas capas dos jornais. Ou seja, observamos primeiramente as capas dos jornais ao longo desses episódios que identificamos como escândalos, em busca

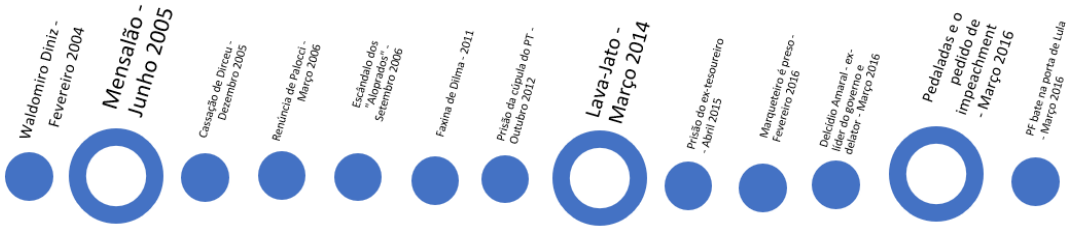
[10] A última atualização desta listagem veiculada no site foi registrada em 25/01/2018. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/os-escandalos-do-pt-desde-inicio-da-era-lula-o-terremoto-com-lava-jato-18824010>. Acesso em 15 de dez. 2017.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

de indícios sobre as estratégias narrativas que ajudavam a construir a mentalidade escândalo que aludimos existir. Quando menções ao escândalo eram feitas na capa, seguiu-se para as matérias relacionadas dentro do jornal.

Aqui, então, trazemos algumas narrativas jornalísticas – das capas de jornais e de matérias no interior do periódico. Indícios, fragmentos que, da maneira como enxergamos, contêm pistas para novos caminhos. Note-se que essa é uma tentativa de ilustrar a concepção de mentalidade escândalo, fazendo-o através do que identificamos como uma de suas estratégias narrativas. Se alcançado esse objetivo, fortalecemos uma outra possibilidade de compreender os escândalos políticos e, consequentemente, de abordar essas narrativas.

Figura 1 – Linha do tempo dos escândalos da Era PT, de acordo com o jornal O Globo



Fonte: produzido pelos autores.

3.1 Tempo: escândalos são retomados anos depois

Com o auxílio do tempo, a primeira estratégia que identificamos foi a possibilidade de fluidez temporal em relação às narrativas de malfeitos. Elas, as narrativas, são postas em um "aqui e agora" que é paulatinamente diluído. Assim, os escândalos ficam soltos no tempo, podendo ser retomados semanas, meses ou até anos depois, para atualizações. Em geral, o que ocorre são fechamentos de seus processos jurídicos, que voltam a ganhar destaque e mantêm as mesmas apresentações de um escândalo em seu clímax. Em outras palavras, mesmo quando o escândalo está na sua fase final, ou mesmo finalizado, ele é apresentado como se ainda tivesse novas questões para serem apresentadas.

Essa estratégia de unidade artificial através do tempo ajuda a narrativa geral que envolve a explicitação de malfeitos. Isso porque ela aciona subjetividades, que jornalismo precisa dominar para manter a mentalidade escândalo acionada. Quanto mais difuso no tempo, mais chance há de se criar uma unidade artificial e expandir a mentalidade escândalo.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Foi isso que aconteceu com o escândalo do Mensalão ao longo de nove anos. Indo e voltando para ele, O Globo aproveitou todas as chances de atualização jurídica – julgamento, indicação de pena, condenação – para retomar aquele que, até então, era visto como principal escândalo dos governos do PT. Com isso, a "mentalidade escândalo" se apresentou em sua forma máxima de extensão, eclipsando, inclusive, outras narrativas que eram descritas como escandalosas. Todos os escândalos, em perspectiva com o Mensalão, pareciam menores.

No dia 14 de março de 2014, o jornal traz a seguinte manchete: "Mensalão chega ao fim", fazendo referência ao último julgado do caso pelo STF. Após 9 anos - com 40 denunciados, 37 réus, 24 condenados e 13 absolvidos, segundo os números apresentados ainda na capa do periódico - seria o fim[11], ao menos do protagonismo narrativo, do escândalo do Mensalão. Ao longo desses anos, obviamente, outros escândalos menores ocuparam as páginas do jornal, mas nenhum com o destaque obtido pelo Mensalão. Afinal, ele foi o responsável por minar a continuidade política de figuras que, até então, estavam no centro do poder.

Figura 2, 3 e 4 - O Mensalão ao longo dos anos, da esquerda para direita: 30/03/2006; 09/07/2011; 14/03/2014

Fonte: acervo O Globo.

[11] Isso não significou, no entanto, que as referências ao escândalo do Mensalão cessassem. O que mudou foi que, diante do novo escândalo que viria, a Lava Jato, as reminiscências do Mensalão estariam voltadas para alguns novos malfeitos, agora protagonizados por aqueles que foram condenados no processo. Com alcunhas como "condenados do mensalão" ou "mensaleiros" algumas matérias seriam veiculadas na mesma semana. Por exemplo, na matéria de 18 de março de 2014, lê-se: "Condenado no mensalão é preso em ação da PF". A prisão nada tem a ver com o Mensalão. Ela é, no entanto, feita dentro da Operação Lava-Jato.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php
Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Figura 5, 6 e 7 – Sequência sobre Lava-Jato, da esquerda para direita: 21/03/2014; 30/07/2015; 12/04/2017

Fonte: acervo O Globo.

3.1.2 Ação: consequências de narrativas de malfeitos são apresentadas como novos escândalos independentes e múltiplas narrativas de malfeitos são sobrepostas

À época do Mensalão, a mentalidade escândalo é auxiliada pela concomitância das três CPIs que vão compor as investigações das denúncias iniciadas com Roberto Jefferson – a dos Correios, a dos Bingos e a do Mensalão. Essas investigações, embora interligadas, compõem contravenções totalmente distintas. Não é possível, hoje, afirmar que os malfeitos que cada CPI passou a investigar não fossem constituir, sozinhos, escândalos próprios.

No entanto, é possível dizer que a força do Mensalão, seu poder de destruição e a instauração de uma capacidade de julgar os acontecimentos que estavam na rota política do PT – sendo eles bons ou ruins – foram reforçadas pelo imbricamento dessas CPIs. Nas capas, elas aparecem com pouca ou nenhuma distinção, o que faz com que a sensação de continuidade permaneça por mais tempo. Sempre que algo de uma das CPIs é anunciado, há uma conveniente unidade na maneira como elas são tratadas, o que reforça que o parâmetro de normalidade política está sendo constantemente acionado. É um estado quase permanente de suspensão da ordem.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php
Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Figuras 8, 9 e 10: (esq. para dir.) Destaques que se referem à CPI dos Correios (24 de julho de 2005), à do Mensalão (19 de novembro de 2005) e à dos Bingos (9 de maio de 2006)

Fonte: acervo O Globo

3.1.3 Personagens: atores de destaque da política são colocados em narrativas dúbias, não necessariamente consideradas escandalosas, mas que podem (ou não) se conectar a escândalos já existentes

No Mensalão, temos três exemplos dessas unidades artificiais através de personagens: uma envolvendo o ex-Ministro Antonio Palocci, outra com uma narrativa envolvendo um personagem ligado ao PT, e uma em que o personagem era o então presidente da Câmara Severino Cavalcanti.

A primeira ocorreu em julho de 2005. O mês contabilizou 26 manchetes relacionadas ao Mensalão, fazendo com que as narrativas de Marcos Valério e de Delúbio Soares se tornassem o carro-chefe do escândalo. Em julho, também, as associações entre o PT e malfeitos passam a ser feitas com mais facilidade. Tanta, que não necessariamente vão ter a ver com o Mensalão. É o caso de uma manchete que ficou de fora desta contagem, do dia 9 de julho de 2005: "Dirigente petista é preso com R$ 437 mil na mala e na cueca". Na chamada da capa, lê-se:

> Em meio às denúncias de que o PT comprava o apoio de parlamentares, a Polícia Federal prendeu ontem no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, um dirigente do PT cearense que carregava quase meio milhão de reais em dinheiro. José Adalberto Vieira da Silva - secretário de Organização do PT do Ceará e chefe de gabinete do deputado José Nobre Guimarães, líder da bancada do PT na Assembleia Legislativa

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php
Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

> e irmão do presidente nacional da legenda, José Genoíno - foi preso quando embarcava para Fortaleza, em escala em Brasília, carregando R$ 437.500 em dinheiro vivo: R$ 200 mil estavam numa mala e outros US$ 100 mil (cerca de R$ 237 mil) presos ao corpo, escondidos sob a cueca (DIRIGENTE..., 9 de julho de 2005, p.1).

A pessoa em questão, detida com o dinheiro, era o secretário de Organização do PT do Ceará e assessor do líder do PT na Assembleia do Ceará, José Nobre Guimarães – irmão do presidente nacional do PT, José Genoíno. No entanto, apesar dessa ligação, não há qualquer relação que possa ser feita com as narrativas do escândalo maior vigente.

Em um outro exemplo, ocorrido no mês de setembro do mesmo ano, a unidade artificial é guiada pelo protagonismo de Severino Cavalcanti, à época presidente da Câmara pelo PP-PE. Apesar de considerarmos esse período como sendo envolvido pela grande narrativa do Mensalão, seu recorte temporal aponta para o escândalo chamado de "Cassação de Dirceu", de dezembro de 2005. Este escândalo, no entanto, pode ter seu início estipulado em junho, mês em que Dirceu foi afastado do cargo, e não cassado. Consideramos esse como sendo uma primeira parte da narrativa que seria encerrada em dezembro, no momento de sua cassação. Tanto parece ser essa a linha narrativa que se apresenta que, em julho, Dirceu ainda é mencionado em duas manchetes, já que seu futuro se apresentava inconclusivo.

Mas há uma ruptura no mês de setembro, justamente ocasionada pelo protagonismo de Cavalcanti, e que proporciona uma conexão não apenas com o que é considerado o escândalo da cassação de Dirceu, mas também com o Mensalão. Até então, não havia nenhuma manchete com o nome de Severino Cavalcanti. De repente, ele se torna o protagonista. Na manchete do dia 3 de setembro, lê-se:

> Depois de pedir pena branda para os envolvidos no mensalão, o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-PE), terminou a semana se defendendo da denúncia de que, quando era primeiro-secretário da Câmara, teria cobrado R$ 10 mil por mês da empresa Buani e Paulucci Ltda pelo monopólio da exploração de um dos restaurantes da Casa. Severino afirma que a Buani está pressionando a Câmara para não ter uma dívida executada (DENÚNCIAS PÕEM..., 3 de setembro de 2005, Matutina, p.1).

O mote inicial que apresentava sua condição no jogo político, nesse momento, é percebido no começo da matéria: "Depois de defender punições mais brandas **para os envolvidos no escândalo do mensalão**, o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti (PP-PE), encerrou a semana com explicações antecipadas sobre denúncia de que teria cobrado propina de um concessionário de restaurante da Casa" (LIMA; MEDEIROS, BRASÍLIA, 3 DE

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

SETEMBRO DE 2005, MATUTINA, O PAÍS, p.3, grifos nossos). Esta é, no entanto, a única relação que pode ser feita entre o presidente da Câmara e a narrativa do Mensalão.

Ao todo, nesse mês de setembro, foram 16 menções para Severino em manchetes. O caso de Severino não figura entre os escândalos da Era PT, por não ter envolvido figuras ligadas ao partido. Uma das poucas relações que puderam ser feitas está resumida nesse mote de "defesa branda para os envolvidos com o Mensalão", mas sequer tinha relação com as acusações que o presidente da Câmara estava sofrendo.

Outro ponto interessante é que, embora não esteja listado nos escândalos da época, todas as matérias que estavam conectadas com essas manchetes aparecem com o mesmo chapéu: "crise política". Ou seja, o caso de Severino, à época, era identificado como parte da grande crise política que estava sendo narrada, da qual o Mensalão fazia parte e os seus desdobramentos também. Naquele momento, à mentalidade escândalo, todo e qualquer evento, que pudesse chamar atenção suficiente para o aparente desmantelo do exercício político, era visto como um elemento da crise política.

Isso é relevante para a nossa argumentação quando pensamos que, no mês anterior, em agosto, todas as capas traziam manchetes relacionadas ao Mensalão. É improvável que o escândalo tivesse se dissipado. Mas, não havia nenhuma nova informação que justificasse a sua permanência no destaque. O caso de Severino Cavalcanti, então, aparece como uma chave conectiva, que permanece ligando o escândalo "em suspenso" ao momento presente.

Nos dois casos, então, de José Nobre Guimarães e de Severino Cavalcanti, é possível argumentar que é criada uma unidade artificial – agregando uma narrativa sobre outro problema, mas que resguarda apenas a temática do malfeito como denominador comum – em que é estabelecida uma ideia de continuidade do malfeito.

Já a terceira unidade artificial, observada também no período do Mensalão, envolveu Antônio Palocci e Dilma Rousseff. Em novembro de 2005, quando Palocci estava na mira do Mensalão, uma outra narrativa o envolvendo estava sempre à espreita: a de sua divergência com a então chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. O motivo da diferença entre os dois era a condução da política econômica do governo, e nada tinha a ver com o processo de investigação no qual Palocci estava envolvido.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Figuras 11, 12 e 13: 11, 12 e 23 de novembro de 2005

Fonte: acervo O Globo.

O que acontece é que a mentalidade escândalo suscita os mesmos personagens envolvidos nas narrativas escandalosas e os coloca em narrativas "convencionais", ou seja, não escandalosas. Fazendo assim, há um prolongamento da sensação do escândalo. E, nessa situação, o interessante é que essas duas narrativas passam a coexistir, até se entrelaçar.

> O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, foi duro numa conversa com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, anteontem à noite, no Palácio do Planalto. **Desgastado pelas denúncias de corrupção em Ribeirão Preto e pelo embate com a chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff**, Palocci disse ao presidente que, se for para ser fritado, prefere sair do governo para se defender (LIMA; ALVAREZ; BECK, 23 DE NOVEMBRO DE 2005, MATUTINA, O PAÍS, p.3, grifos nossos).

O *lead* precisa dar conta das duas narrativas que envolvem o ministro Palocci. Não há mais como desvencilhar uma estória da outra. Na sequência, nessa mesma matéria, lê-se: "Ontem, o ministro passou o dia depondo na Comissão de Finanças da Câmara, onde foi perguntado sobre as suspeitas de corrupção, a política econômica e sua delicada situação no governo" (LIMA; ALVAREZ; BECK, 23 DE NOVEMBRO DE 2005, p.3). Onze dias antes, no dia 12 de novembro, em uma página inteira dedicada ao assunto, tem-se no lead da matéria "PT não dá trégua a Palocci":

> Não bastasse **a crise envolvendo os ministros Dilma Rousseff (Casa Civil) e Antonio Palocci (Fazenda) por causa das críticas da ministra à política econômica conduzida por ele**, o presidente nacional do PT, deputado Ricardo Bezoini, chamou ontem de inadequado fazer um superávit primário acima do previsto – a meta anual de 4,25% já alcançou 6,1% (BARBOSA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005, O PAÍS, p. 3, grifos nossos).

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php
Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

No entanto, mesmo com toda a narrativa voltada para o desentendimento entre Palocci e Dilma, há um quadro no meio da página com uma nota sobre a preocupação do presidente Lula com a situação de Palocci, que diz:

> Depois de exigir o fim da guerra entre Antonio Palocci e Dilma Rousseff, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva passou o dia ontem, e também parte da noite de anteontem, monitorando a crise. **Lula permaneceu no Planalto até as 23h40m de anteontem avaliando a situação de Palocci e acompanhando a operação para evitar a prorrogação da CPI dos Correios** ('NA POLÍTICA'..., 12 de novembro de 2005, p.3).

Essa unidade artificial do escândalo pode também ocorrer com situações que envolvem diretamente personagens anteriormente implicados em malfeitos, como o que ocorreu durante a Lava-Jato, com o ex-presidente Lula e a presidente Dilma Rousseff. Na ocasião, em 2016, Lula quase se tornou ministro de Rousseff, causando grande comoção na opinião pública, por esta ser considerada uma manobra jurídica para que Lula obtivesse foro privilegiado. À época, as investigações em torno de Lula estavam cada vez mais acirradas, capitaneadas pelo então juiz Sérgio Moro[12], o que resultou em algumas tentativas de blindá-lo.

Figuras 14, 15 e 16: capas que remetem ao episódio "Lula Ministro", de 12, 15, 17 e 18 de março de 2016 (esq. para dir.)

Fonte: acervo O Globo.

Esse é um episódio importante de ser destacado porque corrobora com o que viemos argumentando até aqui. Isso porque, de forma semelhante ao que aconteceu com os casos

[12] Frisa-se que, após as eleições de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro (PSL), Sérgio Moro foi convidado para ser Ministro da Justiça do atual governo – e aceitou.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php
Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

apresentados nessa seção, esse episódio aparece como um conectivo de narrativas consideradas escandalosas e estimula uma compreensão de que há um único grande escândalo em vigor, que não tem fim. Uma falsa ideia de unidade, uma unidade artificial.

4. Considerações finais

Iniciamos este artigo com uma frase de Carlos Lacerda, que relembramos neste fechamento: "quando o escândalo é necessário para dizer a verdade, tem que usá-lo". Essa foi uma declaração dada por Lacerda no contexto da CPI da Última Hora, em 1953[13]. Aqui, a usamos para refletir sobre as narrativas de escândalos políticos e suas estratégias de construção de sentidos. Tempo, personagem e ação de outros momentos e contextos que nos guiam hoje. E explicamos o porquê.

Quando Lacerda diz que, se os escândalos são necessários para dizer a verdade, deve-se usá-los, o que ele parece estar dizendo, de acordo com o que viemos pontuando, é o seguinte: há uma maneira de julgar todos os acontecimentos relatados, em relação ao governo de Getúlio Vargas, e é a partir dessa maneira que as informações devem ser vistas.

Mas ver não é tão simples. Cabe, nesse ponto, relembrar as palavras da historiadora Lilia Schwarcs (2008), ao prefaciar a obra *Comunidades Imaginadas*, de Benedict Anderson: "nações são imaginadas, mas não é fácil imaginar. Não se imagina no vazio e com base em nada". De forma semelhante, podemos refletir. Se supomos que escândalos políticos, em termos de narrativa com sentidos próprio, não existem, podemos supor também que eles são estimulados a serem imaginados, nas páginas dos jornais, constantemente. Mas eles não podem ser imaginados no vazio. É preciso que alguns elementos facilitem essa imaginação e, mais do que isso, façam com que a ideia de escândalo não se dissipe completamente, para, sempre que preciso, ela seja facilmente retomada.

Aqui, esses elementos acompanham as narrativas jornalísticas, desde a constituição de um *ethos* profissional, passando pela estruturação de um lugar privilegiado para os escândalos

[13] Escândalo político ocorrido no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954). A CPI diz respeito ao inquérito iniciado em julho de 1953, que tinha como principal alvo o dono do jornal Última Hora, Samuel Wainer. Nesta trama, Wainer estava sendo acusado de receber, do Banco do Brasil (e, consequentemente, do próprio governo Vargas), favorecimentos financeiros para a abertura, consolidação e expansão de seu periódico. Carlos Lacerda, dono do jornal Tribuna da Imprensa, foi um dos grandes acusadores de Wainer e opositores de Vargas.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

políticos – em que o jornalismo ainda detém, também, o monopólio de sua narração –, e chegando ao agenciamento de formas narrativas específicas. Juntos, esses elementos nos ajudam a dar sentido ao que imaginamos ser o escândalo político. Juntos, ainda, esses elementos ampliam ou diminuem a maneira como imaginamos essas narrativas escandalosas, a maneira como julgamos esses acontecimentos. Todos esses elementos estão inscritos em uma cultura profissional, na maneira como as narrativas são vistas e repassadas. A isso chamamos "mentalidade escândalo".

Nesta mentalidade, buscamos apresentar algumas de suas estratégias, especificamente as que fazem com que as diferentes narrativas de escândalos pareçam, cada vez mais, ter uma unidade narrativa. Essas estratégias podem ser entendidas a partir de três elementos: tempo, personagens e ação.

O tempo, aqui forçadamente cronológico linear, indica a primeira tentativa de estruturar o escândalo, quando este é apresentado. São diversas ações que se sobrepõem, muitas acontecendo ao mesmo tempo, outras sendo resgatadas de tempos passados, todos confluindo para fazer sentido no presente.

Diante dessa estruturação pretensamente ordenada, é relevante pensar o que esse jornalismo, que se coloca como o palco legítimo e tem o monopólio do escândalo, pensa dessa conceituação de escândalo que ele explicita. Até porque, o que fica evidente, utilizando esse destaque de escândalos feito pelo O Globo, é que é impossível obter uma ideia clara do que é escândalo.

Assim como diversas outras sequências de malfeitos que ficaram de fora dessa seleção de "escândalos do PT", e poderiam ser consideradas escândalos, quando comparadas às que entraram na curadoria do jornal, há também escândalos que estão presentes nessa listagem que, de perto, não mereceram tanta atenção assim. Ou seja, há um descompasso entre o que eles dizem ser escândalo e o que eles dão atenção como sendo, de fato, um escândalo. E aqui, mais uma vez, a questão do tempo é importante. Ele também serve de medida para que se possa observar a relevância que uma dada situação tem para o jornal. Escândalos considerados "grandes" ocupam mais tempo nas suas páginas, principalmente em suas manchetes. Isso é elementar.

Com o desenrolar dos acontecimentos, outros marcadores narrativos parecem ganhar importância. Por isso, sentimos necessidade de destacar ainda os personagens que dão pulsão aos malfeitos e cujos lugares que ocupam no jogo político são essenciais para serem tomados

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

como relevantes. Não há ideia de escândalo político que não envolva um personagem importante para o presente político. São esses personagens importantes que movimentam as habilidosas narrativas de tensão escandalosa, assim como personagens de menor importância, mas que orbitam ao redor de presidentes, ministros, governadores e prefeitos.

Cada um deles desempenha uma função nessa articulação, desde explicitar um malfeito, com uma delação, até manter a mentalidade escândalo em funcionamento, com novas pistas. São para esses personagens que olhamos e esperamos algum tipo de retorno em relação à narrativa de escândalo que está sendo apresentada.

Por fim, levou-se em consideração a quantidade de movimentação no jogo político que a explicitação de um malfeito é capaz de gerar. Para se ter um escândalo, poderíamos instituir, é preciso que gere, ao menos, algum tipo de desconforto no lugar de poder, a ponto de haver alterações. Um ministro afastado, um assessor desligado, voltar atrás em relação a alguma decisão já tomada. O que, antes, poderia ser definido em termos de pronunciamento – ser este pronunciamento já um desconforto suficiente – foi sendo substituído por ações cada vez mais significativas. É nesse sentido que o elemento da ação é posto em análise aqui.

Ele também não se restringe apenas às ações performadas pelo desconforto do escândalo; a ação também diz respeito às CPI's que são colocadas em funcionamento para investigações e movimentos considerados externos ao trâmite político, como as manifestações que acompanharam em especial algumas das narrativas finais dos governos do PT.

Ao expor esses elementos, dentro dessas estratégias de unidades artificiais, esperamos ter iluminado um caminho promissor para as análises de narrativas de escândalos políticos, que é enxergar essas explicitações de malfeitos como uma mentalidade. A "mentalidade escândalo", instaurada pelo jornalismo com a potência de seu lugar de fala privilegiado – e aqui focamos na narração de episódios políticos – parece ser uma alternativa interessante para os que buscam compreender essas narrativas para além dos vieses e do sensacionalismo dos veículos de comunicação.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de. Um outro" Quarto Poder": imprensa e compromisso político no Brasil. **Revista Contracampo**, n. 04, 2000.

AZEVEDO, Fernando. Corrupção, mídia e escândalos midiáticos no Brasil. **Em Debate, Belo Horizonte**, v. 2, n. 3, p. 14-19, 2010.

BOURDIEU, 1989 BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, 1989.

CÂMARA, Clara Bezerril. A "mentalidade escândalo": Uma análise das narrativas de malfeitos a partir das polarizações suscitadas pelo jornalismo brasileiro. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Comunicação – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico.** Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

JÁCOME, P. O jornalismo como singular coletivo: reflexões sobre a historicidade de um fenômeno moderno. 2017. 259 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação)– Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MOTTA, Luiz Gonzaga; GUAZINA, Liziane. O conflito como categoria estruturante da narrativa política: o caso do Jornal Nacional. 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Editora UnB, 2013.

POHLMANN, Markus; VALARINI, Elizângela. Economic elites in Brazil: a study of the internationalization of top manager's careers. **Revista de Sociologia e Política**, v. 21, n. 47, p. 39-53, 2013.

POHLMANN, Markus; BÄR, Stefan; VALARINI, Elizangela. The analysis of collective mindsets: introducing a new method of institutional analysis in comparative research. **Revista de sociologia e política**, v. 22, n. 52, p. 7-25, 2014.

PRIOR, Helder. O Escândalo Político como experiência narrativa. Brazilian Journalism Research, v. 11, n. 2 PT, p. 100-119, 2015.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings

_____. Esfera Pública e Escândalo Político - A Face Oculta do Poder. Media XXI, 2016.

SCHUDSON, Michael. The politics of narrative form: The emergence of news conventions in print and television. Daedalus, p. 97-112, 1982.

SILVA, Maria Terezinha da. Acontecimento: evocando sentidos, provocando ações: uma análise do "Mensalão". Intexto, n. 30, p. 72-92, 2014.

SOLOSKI, John 1993. Jornalismo e Profissionalismo. Alguns Constrangimentos no Trabalho Jornalístico. In Traquina, Nélson. Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias. Lisboa, Vega, 1993.

SCHWARCZ, Lilia. Apresentação: Imaginar é difícil (porém necessário). In: Anderson, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. Revista Estudos Históricos, v. 1, n. 31, p. 147-160, 2003.

_____. Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

THOMPSON, John. B. O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis, Ed. Vozes: 2002.

ZELIZER, Barbie. Achieving journalistic authority through narrative. Critical Studies in Media Communication, v. 7, n. 4, p. 366-376, 1990.

JORNAIS CITADOS

BARBOSA, Adauri Antunes. PT não dá trégua a Palocci. O Globo, São Paulo, 12 de novembro de 2005, O País, p. 3.

CARLOS LACERDA NA televisão de São Paulo. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 18-19 de julho de 1953, p1.

DENÚNCIAS PÕEM Severino no fogo cruzado da crise. O Globo, Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2005, Matutina, p.1.

LIMA, Maria; MEDEIROS, Lydia. Severino no olho do furacão. O Globo, Brasília, 3 de setembro de 2005, Matutina, O País, p.3.

LIMA, Maria; ALVAREZ, Regina; BECK, Martha. 'Não vou ser outro Dirceu'. O Globo, Brasília, 23 de novembro de 2005, Matutina, O País, p.3.

MENSALÃO CHEGA ao fim. O Globo, Rio de Janeiro, 14 de março de 2014, p.1.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

‘NA POLÍTICA tem isso de intrigas’. O Globo, Brasília, 12 de novembro de 2005, Matutina, O país, p. 3.

www.compos.org.br
www.compos.org.br/anais_encontros.php

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings